

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

FOLKSONOMIA E NETATIVISMO: INTERAÇÃO ENTRE CONCEITOS

FOLKSONOMY AND NETACTIVISM: INTERACTIONS BETWEEN CONCEPTS

Talita Morgana Arruda Tavares – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Igor Soares Amorim – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: a possível correlação entre os conceitos de Folksonomia e Netativismo é estudada no presente trabalho. Aqui, objetiva-se compreender como as áreas de estudo podem se interligar, apoiando-se na revisão de literatura para construir as reflexões pontuadas, possuindo caráter exploratório. Os resultados indicam atributos pertencentes a uma ou as duas áreas, a partir do que foi trabalhado nos textos dos autores estudados. Conclui que os conceitos podem se relacionar e se propõe a refletir sobre a atualidade e relevância de instrumentos da Ciência da Informação para analisar fenômenos sociais atuais.

Palavras-chave: folksonomia; netativismo; redes sociais digitais.

Abstract: the possible correlation between the concepts of Folksonomy and Netactivism is studied in this work. Here, the aim is to understand how the areas of study can be interconnected, based on a literature review to construct the reflections highlighted, with an exploratory character. The results indicate attributes belonging to one or both areas, based on what was worked on in the texts of the authors studied. It concludes that the concepts can be related and proposes to reflect on the current status and relevance of Information Science instruments to analyze current social phenomena.

Keywords: folksonomy; netactivism; social media.

1 INTRODUÇÃO

O advento da Internet e das redes sociais digitais proporcionou profundas mudanças na sociedade, em diversas dimensões. É de se esperar que tais transformações alcançassem também a política e os movimentos sociais. O ambiente digital tornou-se um espaço de disputa e de manifestação relevante, configurando-se como um campo político, e o processo comunicativo presente nas redes tem refletido conflitos inerentes às democracias.

No contexto da Ciência da Informação (CI), atentar-se ao fluxo, à organização, ao acesso, ao consumo, à produção da informação que circula na web e nas redes sociais é um desafio. Utilizada como esquema de classificação e marcação na web, a Folksonomia é uma

importante ferramenta da CI para encarar essa condição. O destaque é garantido por ser um meio eficiente para recuperar informações, sobretudo em redes sociais, partindo do emprego de rótulos (*tags*) que possibilitam os usuários indexarem seus próprios conteúdos, por meio das *hashtags*, mesmo sem possuir total consciência desse fato.

A partir do uso dessas marcações, a Folksonomia serve como importante objeto de estudo, já que pontua acontecimentos históricos a partir da visão pessoal de cada usuário de determinada rede social digital. A Folksonomia possibilita uma forma emergente de trabalhar a informação, trazendo um olhar distinto da impositiva lógica *top-down* presente em meios de comunicação tradicionais e nas técnicas de classificação e indexação.

Com a difusão das tecnologias de comunicação e informação, o ativismo inerente aos movimentos sociais passou a ganhar corpo no meio digital, como expressão coletiva da ação que busca transformações sociais. O conceito de Netativismo, então, ganha centralidade e tem potencial para reforçar um viés crítico na CI quando aproximado da noção de Folksonomia. Objetiva-se, neste trabalho, encontrar a relação da CI, por meio da Folksonomia, com o ativismo digital, ou Netativismo, promovido por movimentos sociais ou por cidadãos de forma livre nas redes digitais, a partir da investigação de semelhanças e divergências entre os dois conceitos. Sendo assim, questiona-se: como a noção de Folksonomia pode se relacionar ao conceito de Netativismo? Utiliza-se como metodologia a revisão de literatura, tendo caráter exploratório, que busca, a partir de teóricos de destaque das áreas de Folksonomia e de Netativismo, compreender como esses conceitos podem se interrelacionar.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E FOLKSONOMIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A CI, inserida na área das Ciências Sociais, “tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza gênese, efeitos)” (Le Coadic, 1994, p. 26), realizando “a análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação; e a concepção dos produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso” (Le Coadic, 1994, p. 26). Como observa Borko (1968, p. 1), é uma disciplina que “investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso” (tradução nossa). Na busca por definir “informação”, Silva e Ribeiro (2002) apontam que essa “não se reduz a um fato, uma notícia [...], mas abarca impressões, emoções, sentimentos, desde que, obviamente (de)codificados humana e

socialmente” (Silva; Ribeiro, 2002, p. 43). A CI preocupa-se com a informação, desenvolvendo técnicas, ferramentas, metodologias, conceitos e modelos que permitam a sua manipulação.

A Folksonomia, um Sistema de Organização do Conhecimento (SOC), organiza e representa o conhecimento e a informação para posterior recuperação. Um dos seus mais importantes diferenciais em relação aos outros SOCs é que se pauta integralmente na terminologia utilizada pelos usuários no digital, ou seja, não exerce controle de vocabulário, mas “abraça” a linguagem natural, adotando-a em sua estrutura. O termo é a junção de “povo” (do inglês *folk*) e “taxonomia” (forma de classificação) e foi criado pelo arquiteto da informação Thomas Vander Wal (2007, “Definition of Folksonomy”, §1), sendo:

o resultado da marcação livre e pessoal de informações e objetos (qualquer coisa com um URL) para a própria recuperação. A marcação é feita em um ambiente social (geralmente compartilhado e aberto a outras pessoas). A folksonomia é criada a partir do ato de marcação pela pessoa que consome as informações (Wal, 2007, “Definition of Folksonomy”, §1, tradução nossa).

São dois processos informativos, a “marcação” e a “consolidação”. A marcação ocorre quando um usuário associa “qualquer coisa com uma URL”, com um rótulo, uma *tag*. A consolidação constitui-se do conjunto de *tags* que indexam um universo qualquer de informação, conteúdos ou documentos. Nesse processo, o próprio usuário de determinada rede “rotula, nomeia, designa suas palavras, dados e arquivos de forma livre, não existindo nenhuma metodologia e/ou etapas a serem realizadas para a organização e a recuperação das informações de seu interesse” (Moreira; Romão, 2010, p. 4).

Como observa O’Reilly (2005) a Folksonomia seria uma categorização colaborativa, sendo que as *tags* permitem “o tipo de associações múltiplas e sobrepostas que o próprio cérebro usa, em vez de categorias rígidas” (O’Reilly, 2005, tradução nossa). Para Assis e Moura (2013), a Folksonomia é “uma inovação que explora o potencial das redes sociais na organização e no compartilhamento dos recursos informacionais”, dessa forma, esse tipo de organização da informação agregaria as “manifestações da linguagem contextualizada e, por vezes, caótica de sujeitos em colaboração” (Assis; Moura, 2013, p. 87).

Baseado nessas perspectivas entende-se, então, que cada usuário organiza, ou categoriza, classifica a informação de modo natural, próprio e subjetivo, democraticamente, possibilitando a conexão de diversos indivíduos que interagem a partir de qualquer local do globo em torno de um determinado tema, ou *hashtag*. Apesar disso, o uso da linguagem natural, sem controle, indexada sem técnica, pode provocar ruídos na comunicação ou

recuperação da informação, tais como plurissemias ou ambiguidades (Cintra *et al.*, 1994). A Folksonomia é um tipo de SOC que preza mais pela representatividade do que pelo controle terminológico e, por isso, é uma alternativa menos eficiente para a recuperação da informação.

Na Folksonomia, porém, ganha-se em representatividade e, assim, evidencia-se um teor político presente no processo de marcação e, conseqüentemente, de consolidação, pois são gerados vínculos entre os recursos informacionais e seus produtores. Tal vínculo pode ou não ser potencializado, mas a consolidação da Folksonomia é uma expressão desses elos, e permite a recuperação das “publicações” que agrupadas extrapolam a expressividade pessoal atribuída na etiquetagem. Mesmo compondo a natureza da linguagem e do processo de classificação, a dimensão política nem sempre é considerada no contexto da CI, que tradicionalmente se restringe ao contexto de tratamento técnico da informação, embora, nos últimos anos, abordagens críticas tenham sido discutidas na OC.

A Folksonomia surge após a inovação da Web 2.0, considerada a segunda geração da internet. Tim O’Reilly (2005) definiu a Web 2.0 como sendo a “web enquanto plataforma”. Esse espaço se configura como um “ambiente que diz respeito ao aspecto evolutivo e gradativo da fase preliminar na perspectiva da participação coletiva, na produção de informação, em redes de relacionamento” (Dias; Castro; Silva, 2015, p. 6). As tecnologias que estão presentes nessa fase são intuitivas e interativas e conferem maior independência aos usuários, interesse pela navegação e descoberta de conteúdos, favorecendo o surgimento de novas formas de produção e uso de informação (Dias; Castro; Silva, 2015).

É a partir do estabelecimento da Web 2.0 que surgiram as redes sociais digitais como as conhecemos e, conseqüentemente, as *hashtags*. Para criar uma, é necessário colocar o símbolo # antes da palavra ou expressão que se queira destacar, formando uma *tag* (ou etiqueta). A primeira *hashtag* foi utilizada no X pelo usuário Nate Ritter, em 22 de outubro de 2007. Com a #sandiegofire fez relatos sobre os incêndios que ocorreram em San Diego (EUA). Apesar disso, as *hashtags* só foram utilizadas como *hiperlink* em 2009 (Silveira, 2013). A transformação de uma *hashtag* em *hiperlink* permite que o usuário, ao clicar nela, seja direcionado à página de resultados do site, onde são listadas as publicações que utilizam aquela mesma marcação.

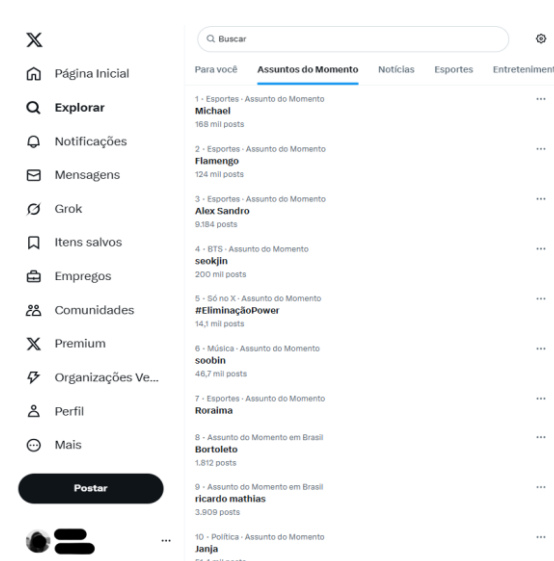
Figura 1 - Uso e recuperação de postagens com a *hashtag* #ciênciadainformação



Fonte: extraída do X (2025)

Os *trending topics* (assuntos do momento) foram incorporados posteriormente como uma forma de dizer aos usuários quais eram os termos ou *tags* mais utilizados no momento.

Figura 2 – Os *trending topics* – ou assuntos do momento



Fonte: extraída do X (2025)

3 PRÓLOGO AO NETATIVISMO

Desde que a Internet surgiu e se massificou, emergiram estudos e teorias acerca do impacto das novas formas e formatos de comunicar. Entre elas, o Ciberativismo e, posteriormente, o Netativismo, que busca compreender o engajamento de usuários das redes em torno de pautas sociais e políticas. O termo Netativismo foi cunhado por Ed Schwartz (1996), Network-Activism (net-activism), e propagado pelo pesquisador Massimo Di Felice

(2017), surgindo como uma forma de refinar a ideia de Ciberativismo (ou ativismo digital), já que a expressão foi cunhada ainda durante a “era” web 1.0 e levava em consideração as práticas dos usuários daquele contexto.

Em termos gerais, nessa primeira fase da Internet, o Ciberativismo referia-se ao uso da Internet para dar suporte aos movimentos globais e causas locais, utilizando as arquiteturas informativas do primeiro tipo de Internet para disseminar informações, promover a discussão coletiva de ideias e a proposta de ações, criando canais de participação e de conflitualidade (Di Felice, 2017). O Ciberativismo foi definido por Vegh (2003) como a utilização da internet por movimentos politicamente motivados e Milhomens (2009) reflete que: “a rapidez, articulação e velocidade que as informações levam para chegar a todo o planeta despertou a atenção e interesse de inúmeros setores da sociedade, incluindo aí os militantes dos vários campos de atuação” (Milhomens, 2009, p. 65).

O Netativismo, assim como a Folksonomia, como explicitado anteriormente, surge também a partir da segunda fase da Internet, a web 2.0, com o protagonismo das redes sociais. É aí, nesse período e com a massificação do uso das redes sociais, que o ativismo digital se revela em sua totalidade. A expressão Netativismo é um oxímoro, ou paradoxismo, unindo o prefixo ‘net’ e a palavra ‘ativismo’, sugerindo um novo tipo de interação por meio das redes digitais (Morais, 2018, p. 192).

Di Felice (2017) considera que o Netativismo possui três fases. A primeira ligada ao advento da Internet com computadores conectados via cabos telefônicos e modem; a segunda marcada “pela experimentação das primeiras formas de conflitualidade”; e a terceira a partir da web 2.0 e das redes sociais “exprimindo-se por movimentos de protesto, subversão de vários tipos e a criação de redes eficazes distribuídas de interação colaborativa entre pessoas, dispositivos de conexão, bancos de dados e territorialidades” (Di Felice, 2017, I, 2, *passim*).

Para os autores Di Felice, Pereira e Roza (2018), as redes digitais promoveram uma revolução comparável ao advento da prensa de Gutemberg, que garantiu a reprodução de textos em grande escala, possibilitando um maior acesso ao conhecimento. Eles refletem que há uma nova era da participação e do ativismo, fundando-se nos “diálogos contínuos com os dados, os dispositivos e as redes de informação, assumindo, conseqüentemente, uma forma emergente e temporária” (Di Felice; Pereira; Roza, 2018). Essa revolução na Internet e a perspectiva de que os usuários pudessem se tornar “*prosumers*”, ou seja, são ao mesmo

tempo produtores e consumidores do que veiculam nas redes digitais, fizeram com que eles se engajassem de diversas formas nas mais variadas pautas, inclusive o campo político. Um dos instrumentos que os usuários de redes sociais encontraram para buscar, e propagar, opiniões semelhantes ou contrárias é, também, a partir do uso de *hashtags* e da etiquetagem de conteúdo.

O conceito de Netativismo ainda tem pouca atenção na CI. A busca pelo termo na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) não traz nenhum resultado.¹ Já por Ciberativismo, traz 11 resultados, dentre os quais 9 artigos. Notou-se que, além do termo “Netativismo” não ocorrer na Brapci, apenas dois trabalhos, Lopes, Veloso e Lacerda (2019) e Arruda, Silva e Cassiano (2023), destacam a *hashtag* como componente relevante de análise, sendo as outras pesquisas discussões de outros aspectos. As publicações concentram-se nos últimos 10 anos e nenhuma toca no assunto Folksonomia ou em aspectos mais gerais da Organização do Conhecimento e da Informação. A proposta desta pesquisa é justamente tecer as noções de Netativismo e Folksonomia, de modo a ampliar as possibilidades de discussões teórico-políticas na Ciência da Informação.

4 INTERAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS DE NETATIVISMO E FOLKSONOMIA: BREVES CONSIDERAÇÕES

A partir do levantamento de bibliografias para o referencial teórico e dos artigos citados anteriormente, observou-se as convergências entre os termos Netativismo (ativismo digital ou ciberativismo) e Folksonomia. A leitura dos materiais proporcionou a retirada de características relacionadas aos conceitos. Para tal, considerou-se os conceitos e seus atributos, identificados empírica e teoricamente. Empiricamente, na medida em que a partir dos artigos levantados, foram extraídos atributos das noções em análise; teoricamente, na medida em que o referencial teórico subsidiou uma compreensão dos dois conceitos e seus atributos. Esses atributos conceituais foram destacados no Quadro 1. Posteriormente, no Quadro 2, expomos as convergências e divergências com relação a esses mesmos atributos.

¹ Pesquisa realizada em 27 de abril de 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Quadro 1 – Atributos relacionados a “Folksonomia” e ao “Netativismo”

Termo	Atributos
Folksonomia	Web 2.0; Dimensão digital; <i>Hashtag</i> ; Foco no usuário; Indexação (etiquetagem) colaborativa; Categorização; Organização da informação; Representação do conhecimento; Viabiliza o fluxo da informação (comunicação); Agrega conteúdos (expressando ideias no ambiente digital); Dinâmica colaborativa; Colaboração humano-máquina; Multimídia; Falta de rigor terminológico; Facilmente corruptível (no nível terminológico ou mesmo no semântico); Difusão de conteúdo; Potencial de organizar pautas, demandas ou reivindicações; Congrega pessoas (no ambiente digital).
Netativismo	Web 2.0; Dimensão digital; <i>Hashtag</i> ; Foco em grupos ativistas (com maior ou menor coesão); Dinâmica colaborativa; Colaboração humano-máquina; Viabiliza o fluxo da informação (comunicação); Potencial de organizar pautas, demandas ou reivindicações; Difusão de conteúdo; Congrega pessoas (no ambiente digital); Multimídia.

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Quadro 2 – Interações e divergências entre os atributos de Folksonomia e Netativismo

Atributos comuns	Atributos incomuns	
Web 2.0; Dimensão digital; <i>Hashtag</i> ; Viabiliza o fluxo da informação (comunicação); Agrega conteúdos (expressando ideias no ambiente digital); Dinâmica colaborativa; Colaboração humano-máquina; Multimídia; Falta de rigor terminológico; Congrega pessoas (no ambiente digital); Potencial de organizar pautas, demandas ou reivindicações; Viabiliza o fluxo da informação (comunicação); Difusão de conteúdo.	Foco no usuário; Indexação (etiquetagem) colaborativa; Categorização; Organização da informação; Representação do conhecimento; Facilmente corruptível (no nível terminológico ou mesmo no semântico).	Folksonomia
	Foco em grupos ativistas (com maior ou menor coesão).	Netativismo

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

O primeiro quadro expõe os atributos relativos a cada conceito. Eles foram conferidos com base na análise da exposição das definições e discussões dos pesquisadores aqui estudados. Para Folksonomia foram atribuídas 18 características, para Netativismo, 11. Para a construção do Quadro 2, esses atributos foram separados em “comuns” e “incomuns”, extraíndo os que se assemelham e os que se distanciam daqueles apresentados no Quadro 1. São treze atributos comuns no total, seis somente pertencentes à Folksonomia e um apenas ao Netativismo. A “dimensão digital”, o surgimento na “web 2.0”, a “dinâmica colaborativa”, “potencial de organizar pautas, demandas ou reivindicações”, entre outros, foram apontados como comuns, pois se aplicam aos dois conceitos, ou seja, apontam para um fenômeno comum. Eles dizem sobre os discursos e ações coletivas, estendidas ao mundo digital, que são mobilizadas por interesses mais ou menos compartilhados e são sustentados pela interação dos usuários em plataformas reticulares.

Nos atributos incomuns foram pontuadas questões restritas aos fazeres da Ciência da Informação, sendo “indexação (etiquetagem) colaborativa”; “categorização”; “organização da

informação”; “representação do conhecimento” no item Folksonomia, destacando aspectos técnicos do tratamento da informação. Já no Netativismo, surge apenas “foco em grupos ativistas (com maior ou menor coesão)”, não porque a Folksonomia não possa atingir públicos maiores, mas porque o foco dela é no usuário e na subjetividade deste usuário em construir a própria indexação, enquanto que o Netativismo é um conceito mais atento à designação de grupos engajados politicamente.

Em observação aos quadros acima, é possível compreender onde os conceitos de Folksonomia e Netativismo se entrelaçam e se afastam. De certa forma, observa-se que podem se complementar ou, ainda, estarem inseridos um no outro. Visto por esse ângulo, a Folksonomia pode se tornar um instrumento de Netativismo. A partir da visão de mundo subjetiva de cada usuário de uma rede social, utilizando, para isso, a dimensão digital, é possível congregiar pessoas ou grupos, criar ou organizar demandas em comum, ou dar lugar para discursos e pautas sociais divergentes. O netativismo em torno de uma causa, seja ela local, regional, nacional ou global, pode surgir a partir de uma única publicação, seja pela característica colaborativa da Folksonomia, pela viabilização de um fluxo de informação dinâmico ou pelo potencial de agregar pessoas em torno de uma causa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não pretendemos encerrar a discussão aqui. Apesar disso, é possível inferir que os conceitos discutidos surgem e se solidificam a partir da Web 2.0 e com a massificação do uso das redes sociais digitais. Também se compreende que o uso das *hashtags* é visto com destaque tanto pela Folksonomia quanto pelo Netativismo, como meio expressivo e dogma de organização da informação digital. Compreender o netativismo como fenômeno é relevante para a Organização do Conhecimento, pois pode orientar melhores práticas de organização e representação da informação no contexto das redes. Assim, também, questionar ética e politicamente qual o papel dos instrumentos de recuperação da informação, bem como dos profissionais da informação, pode amplificar os espaços de atuação e reflexão da área. Instrumentos utilizados na CI podem ser atuais e relevantes se colocados em cenários e posições diversas, acompanhando as mudanças tecnológicas, políticas e sociais da contemporaneidade. Também é possibilitada a CI expandir o seu alcance, demonstrando, mais uma vez, as possibilidades interdisciplinares tão relevantes para o campo.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, J.; MOURA, M. A. Folksonomia: a linguagem das tags. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, n. 36, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p85/24523>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.
- CINTRA, Anna Maria Marques *et al.* **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis; APB, 1994.
- DIAS, L. G.; CASTRO, H. P. L.; SILVA, M. B. Categorização de serviços da web 2.0: uma proposta de apoio aos bibliotecários. **Rev. Folha de Rostto**, Juazeiro do Norte, v. 1, n. 2, p. 5-16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderostto/article/view/38/51>. Acesso em: 01 jul. 2024.
- DI FELICE, M. **Netativismo: da ação social ao ato conectivo**. São Paulo: Paulus, 2017. E-book.
- DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. A. (org.) **Netativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas: Papyrus, 2018. E-book.
- LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1994.
- MILHOMENS, L. **Entendendo o ciberativismo sem-terra na nova esfera pública interconectada**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- MORAIS, M. M. de. **Netativismo e Ações Colaborativas nas Redes Sociais Digitais**. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.
- MOREIRA, V. L.; ROMÃO, L. M. S. Discurso e(m) folksonomia: o Brasil vestido com algumas tags. **E-compós**, Brasília, v. 13, n. 1, jan.-abr. 2010. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/473>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- O'REILLY, T. **Whats is web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software**. 2005. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1008839. Acesso em: 01 jul. 2024.
- SILVA, A. M.; RIBEIRO, F. **Das ciências documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Afrontamento, 2002.
- SILVEIRA, J. Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento. *In: VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1983-2013*, 6., 2013, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: [S. n.], 2013. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2024.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

VEGH, S. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. *In*: MCCAUGHEY, M.; AYERS, M. D. (ed.). **Cyberactivism**: online activism in theory and practice. Londres: Routledge, 2003.

WAL, T. V. **Folksonomy**. 2007. Disponível em: <https://vanderwal.net/folksonomy.html>. Acesso em: 01 jul. 2024.